

Resumo: Este artigo trata de questões relativas ao emprego da noção de Aspecto para definir a função desempenhada por um conjunto de partículas oracionais finais na língua Kaingang (família Jê, tronco Macro-Jê) falada no Brasil Meridional. A partir da análise do ‘corpus’, sugerem-se hipóteses sobre a função de tais partículas, apontando que, em alguns casos, elas desempenham efetivas funções aspectuais, porém, em outros, têm uma função modal ou apresentam uma perspectiva que evidencia acionalidade.

Abstract: *This dissertation evaluates the relevance of using the notion of Aspect to define the function performed by a set of final phrasal particles in the Kaingang language (Jê family, Macro-Jê stock), an aboriginal language spoken in Southern Brazil. Based on the analysis of the collected ‘corpus’, hypotheses are suggested on the function of such particles, concluding that, in some cases, they have effective aspectual functions, but, in others, they suggest a modal function or present a perspective that indicates actionality.*

INTRODUÇÃO

O povo Kaingang é constituído por aproximadamente 30 mil pessoas, distribuídas em cerca de 30 áreas indígenas distintas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maioria fala, além de sua língua, o Português. Há escolas nas aldeias, sendo que, na maioria delas, o ensino é bilíngüe (Português e Kaingang) e seus professores, também em maioria, são falantes nativos da língua Kaingang².

Este trabalho apresenta um resumo de minha dissertação de Mestrado em que considereei o emprego da noção de Aspecto como categoria gramatical para definir a função desempenhada por um conjunto de partículas oracionais finais na língua Kain-

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado intitulada “Aspecto no Kaingang”, de minha autoria, apresentada ao Dep. de Lingüística do Instituto de Estudos de Linguagem (IEL), da UNICAMP, no dia 08 de março de 2007. O trabalho (com bolsa Capes) foi orientado pelo Prof. Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis. A pesquisa contou com o apoio financeiro da CAPES.

² A língua Kaingang é classificada na família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999).

gang bem como a possibilidade de aplicação da noção de acionabilidade. Assim, os dados aqui analisados são da minha pesquisa de Mestrado e, por uma questão metodológica, os enunciados em Kaingang serão apresentados em itálico, sendo os marcadores aspectuais destacados em negrito. As transcrições serão ortográficas, seguidas da tradução em Português³.

A NOÇÃO DE ASPECTO

A noção de Aspecto comporta várias definições e delimitações, que evidenciam que ela não é tomada a partir dos mesmos critérios por diferentes lingüistas.

Dentre as definições de Aspecto encontram-se, por exemplo, as seguintes:

“(...) aspects are different ways of viewing the internal constituency of a situation.” (Comrie, 1976, p. 3)

“(...) aspect characterizes the relationship of a predicate to time interval over which it occurs” (...) “aspect characterizes the relationship of a predicate to the event frame.” (Chung e Timberlake, 1985, p. 213-214)

“(...) aspects of various kinds involve our notions of the boundedness of time-spans, i.e. various configurations of beginning, ending and middle points. But in the semantic space of aspect, nearly always some element of tense is also involved, in terms of establishing a point-of-reference.” (Givón, 1984, p. 272)

“(...) a categoria do aspecto inclui uma larga variedade de distinções possíveis. Como distinções temporais, todas elas se relacionam com o tempo; mas como diz Hockett, relaciona-se com o ‘contorno ou distribuição temporal’ de uma ação, acontecimento ou estado de coisas, e não com sua ‘localização no tempo’. O aspecto, diferentemente do tempo, não é

³ São utilizadas as seguintes convenções para a transcrição:

ASP = Aspecto

ASPr = Aspecto reduplicado

fem = marcação de feminino

ms = Marca de Sujeito

v. = Verbo

1p = 1ª pessoa singular

2p = 2ª pessoa singular

3p = 3ª pessoa masculino singular

3pf = 3ª pessoa feminino singular

1ppl = 1ª pessoa plural

3ppl = 3ª pessoa masculino plural

3pfpl = 3ª pessoa feminino plural

(1p)+ms = 1ª pessoa singular com marcação de Sujeito

(3p)+ms = 3ª pessoa masculino singular com marcação de

Sujeito

() = pressuposição de pronome não explicitado pelo falante.

uma categoria dêitica e não se refere ao momento do enunciado.” (Lyons, 1979, p. 331)

“(…) o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo.” (Castilho, 1968, p. 14)

“Aspect: the specific perspective adopted by the speaker/writer. Typically, the event may be considered from a ‘global’ or a ‘partial’ point of view.” (Bertinetto e Delfitto, 2000, p. 190)

“(…) o aspecto não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo verbo segundo uma ‘perspectiva’ (na palavra *aspecto* está presente a raiz indo-européia ‘*spek*’, a mesma que encontramos em ‘*perspectiva*’) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases”. (Ilari e Basso, 2005)

Como se pode observar é difícil falar de Aspecto sem falar de Tempo (‘tense’). Embora sejam noções distintas, há uma certa confusão no uso dessas categorias. Comrie (1976, p. 1) chama a atenção para que

“Tempo localiza a situação no ‘tempo’, usualmente com referência ao momento presente (mas também com relação a outras situações) e é considerado uma ‘categoria dêitica’⁴, enquanto Aspecto não é uma categoria dêitica”⁵.

Em descrições anteriores da língua Kaingang, a questão do Aspecto é também bastante controversa. Guérios (1942, p.125), por exemplo, aponta em relação às distinções temporais nos verbos: “como todas as línguas primitivas, o caingangue desconhece as distinções temporais nos verbos (...) assim é que em muitas orações do português distintas em relação à cronologia, correspondem frases caingangue em que o verbo parece servir para qualquer

⁴ Segundo Lyons (1979, p. 290): “a noção de dêixis – que é simplesmente a palavra grega que exprime a ação de ‘apontar’ ou ‘indicar’, e veio a ser um termo técnico da teoria gramatical – foi introduzida para indicar os traços ‘orientacionais’ das línguas que se relacionam com o Tempo e o Lugar do enunciado”.

⁵ Vide também Castilho (2002, p. 85), Lyons (1979, p. 120), Dahl (1985, p. 25), dentre outros.

tempo. É que o discurso caingangue obedece às arcaicas distinções do aspecto (a ação é caracterizada pelo seu desenvolvimento)⁶”.

Wiesemann (1971, p. 269-272), por sua vez, em seu trabalho *Dicionário Kaingáng - Português / Português - Kaingáng*, que foi reeditado em 1981 e em 2002, faz notar que os verbos podem se combinar com muitos indicadores de Aspecto ou de Modo, mas não apresenta uma definição conceitual de Aspecto, apenas indicações de uso. Segundo a autora, “os indicadores de Aspecto seguem os verbos e descritivos ou substantivos em função predicativa, mas podem ser precedidos de indicadores de Modo e pronome sujeito”.

Já na edição de 2002 (sob o título *Kaingang-Português -- Dicionário Bilíngüe*), Wiesemann trata de indicadores de Aspecto (‘ind. a’, na sua abreviação no original), em um Apêndice (p. 153-173):

“os indicadores de aspecto terminam a oração, mas podem ser seguidos por certos indicadores de opinião. Muitos indicadores de aspecto são homófonos com verbos, dificultando a análise. Há indicadores de aspecto Perfectivo (...) Eles indicam uma ação do ponto de vista global, sem ver as partes da ação, mas diferenciam-na por ser feito em pé, sentado, deitado, andando ou por uma pessoa ou várias (p.156)”.

UMA POSSIBILIDADE DE ABORDAGEM TEÓRICA

Como se pode notar, em relação às abordagens teóricas, temos duas ordens de fatores:

i) por um lado há, na lingüística, uma longa (e, pode-se dizer, variada) produção de referência teórica que comporta as noções de Aspecto e aquilo que lhe diz respeito;

ii) por outro lado, em relação à língua Kaingang, temos uma bibliografia sobre Aspecto que é pequena e não muito esclarecedora.

Há, portanto, necessidade de outras averiguações que possam ajudar a esclarecer o uso dessas partículas gramaticais como marcadores aspectuais.

⁶ Conforme Guérios (1942, p. 125), a “categoria dos tempos verbais é a evolução da categoria de aspecto”.

Uma primeira verificação nos dados foi feita para responder se havia distinção entre Tempo e marcação de Aspecto no Kaingang. Dados coletados indicaram que sim, como se pode observar:

(1) *Inh kósin ta carta han vyr mákatĩg jé.*
 1p filho ms carta v. fazer v. ir (passado) v. levar para
 ‘Meu filho (foi fazer) fez a carta para levar.’

Observei aqui o uso do verbo ‘ir’ no tempo passado (*vyr*), indicando uma ação já finalizada, bem como a ausência de marcador aspectual presente.

Já em (2), a seguir, há a presença do marcador aspectual *m* e os verbos não indicam algo já concluso. Porém, a tradução dada pelo falante para essa sentença: ‘Meu filho fez esta carta para você levar’, faz pensar que o marcador é, então, o que indica que a ação foi concluída:

(2) *Inh kósin tóg vẽnhrá han mũ, ā tag matĩg jé.*
 1p filho ms carta v. fazer ASP 2p esta v. levar para
 ‘Meu filho fez esta carta para você levar.’

A etapa seguinte foi selecionar uma abordagem teórica para aplicá-la à noção de Aspecto na língua Kaingang. Revelou-se uma tarefa difícil. Se, por um lado, escolhesse um modelo que basicamente desse conta das distinções aspectuais *Perfektividade* e *Imperfektividade*, poderia deixar de observar outras características expressas pela língua, como, por exemplo, os ‘esquemas temporais subjacentes’ (a ‘*Aktionsart*’ do verbo). Por outro lado, haveria de considerar a existência de teorias que fazem distinção entre domínio acional e domínio aspectual. A alternativa foi avaliar, a partir da sistematização dos dados, aproximações com um modelo teórico abrangente para tentar explicitar os usos dos marcadores de Aspecto na língua. Dessa forma, optei por tomar a aceção de Aspecto de Ilari e Basso (2005) exposta anteriormente, pois eles, como outros autores, consideram Aspecto como uma categoria não-dêitica.

A opção em adotar uma concepção teórica utilizada para o Português se deu por pensar que nossa língua permite distinções

que procurava verificar na língua Kaingang. Portanto, essa opção não significa o entendimento de que o Português e o Kaingang funcionem do mesmo modo, mas que a análise empreendida em relação ao Português por aqueles autores serviria como um ponto referencial para iniciar a discussão sobre o assunto.

Estou ciente de que minha escolha apresenta problemas que não puderam ser definitivamente resolvidos no âmbito de meu trabalho. Algumas questões ficaram sem maiores esclarecimentos, como a questão de não ter podido estabelecer, ainda, de maneira mais conclusiva, se há uma separação efetiva entre Tempo, Aspecto e Modo na língua Kaingang ou se há a possibilidade de estes co-ocorrerem por meio de um mesmo marcador. O leitor poderá observar, no decorrer deste artigo, que, nas diferentes construções apresentadas pelos falantes, aparecem mudanças de elementos, tais como a utilização de diferentes marcadores de Sujeito ou alteração de ordem nas sentenças.

De qualquer modo, não está claro se esse conjunto de circunstâncias pode afetar o sistema de Tempo, Aspecto e Modo na língua Kaingang. Por isso, apresento algumas situações em que foi possível ter uma relativa clareza sobre a questão e outras em que remanescem os problemas apontados. A apresentação da análise em tópicos separados tem o intuito de trazer alguma luz a essas questões não resolvidas, porém é preciso alertar que procurei fornecer um panorama do meu trabalho que mostrasse aquilo que foi encontrado e apontasse o que ficou a ser esclarecido em futuros trabalhos.

OS DADOS E A PESQUISA DE CAMPO

Para verificação das questões relativas a Tempo, Aspecto e Modo em Kaingang⁷, foi elaborado um elenco composto inicialmente por 111 frases em Português a serem traduzidas para o Kaingang. As sentenças propostas em Português eram contextualizadas (entenda-se, então, propostas com estímulo), sendo as en-

⁷ Ainda que se pretendesse privilegiar a verificação de Aspecto e, possivelmente, Acioidalidade.

trevistas gravadas e depois transcritas. As sentenças foram distribuídas em blocos que privilegiavam a verificação de determinadas noções ligadas ao tema: a diferenciação entre Tempo e Aspecto, diferenças entre Perfectividade e Imperfectividade e questões relacionadas a Acionalidade (telicidade, duração, reversibilidade).

Foram realizadas 11 entrevistas (uma delas com duas pessoas) que foram gravadas digitalmente em fitas cassete e cuja duração variou entre quarenta minutos e uma hora. Tais entrevistas ocorreram em diferentes áreas indígenas Kaingang no Rio Grande do Sul e contaram com a participação de diferentes falantes de ambos os sexos e idades variadas (o falante mais novo com 14 anos de idade e o mais velho com 110 anos). Os informantes são bilíngües, mas cabe ressaltar que alguns dos falantes mais velhos apresentaram dificuldades para entender determinadas contextualizações ou palavras em Português.

Já a partir das entrevistas iniciais pude constatar algumas dúvidas e ao elenco inicial foram, então, acrescentadas outras sentenças. Também aproveitei para verificar dados prévios coletados em etapas de cursos de Formação de Professores Indígenas Kaingang (em que o Prof. Dr. Wilmar D'Angelis coordenou a área de Linguística). Tais dados deixavam em aberto muitas indagações, pois, para uma mesma frase proposta em Português, os falantes haviam apresentado diferentes construções em Kaingang, ora com marcadores e com diferentes marcadores, ora sem marcadores. À vista disso, tentei verificar com os falantes da língua se tais ocorrências seriam mantidas nos dados por mim coletados. A transcrição das entrevistas deu-se ainda em campo, com o auxílio de uma professora Kaingang, Nilce Cardoso. Isso possibilitou uma maior fidelidade à transcrição já que questões pertinentes ao significado e uso de palavras puderam ser discutidas e conferidas.

Na pesquisa de campo apresentaram-se dificuldades e problemas com as frases previamente formuladas, tanto pela insegurança na caracterização dos sentidos pretendidos, como pela dificuldade de se precisarem os contextos.

No que se refere ao contexto, fatores de duas ordens intervieram. Em primeiro lugar, o contexto do momento da coleta da

informação lingüística, pois, enquanto para mim, pesquisadora, o contexto era apresentado verbalmente (por meio da construção de uma situação hipotética), eventualmente o falante abandonava a ‘construção verbal’ proposta, e se atinha ao contexto real do ‘momento’ (ou da conjuntura) em que estávamos interagindo. Nem sempre me foi possível saber quando isso acontecia, mas algumas vezes pude perceber que isso ocorrera, ao analisar com cuidado os dados. Em segundo lugar, interveio o fato de o contexto ser também culturalmente delimitado e de esta pesquisadora nem sempre ter domínio suficiente da cultura Kaingang para avaliar a adequação da contextualização que apresentava.

Também encontrei diferenças dialetais, não só na pronúncia das palavras, mas também, em alguns casos, no nível da significação. Por exemplo, para falantes da área indígena de Nonoai (RS) encontrei ‘*mã*’⁸ como verbo ‘escutar’:

- (3) *Isa fãnjãnja kã nỹ ra isóg ã ta prãr mã.*
 1p+ms sombra em ASP quando (1p)+ms alguém ms gritar escutar
 ‘Eu estava descansando na sombra quando escutei alguém gritar’.

Entretanto, o verbo *mã*, para os falantes da área indígena de Votouro (também no RS), é ‘*mẽ*’⁹. A diferença não fica somente por conta da pronúncia, já que, em Votouro, *mã* significa ‘jabuticaba’. Como se pode observar, o material coletado é bastante “rico” e significativo.

A seguir, apresento, de forma sucinta, os resultados da pesquisa.

A EXPRESSÃO DE TEMPO EM KAINGANG

Durante o desenvolvimento da dissertação surgiram necessidades de esclarecimento acerca de elementos da língua Kaingang para delimitar o meu objeto de estudo, dentre os quais a questão da marcação de Tempo. Trago, aqui, algumas considerações de caráter inicial (e, talvez, provisório) acerca dessa questão, já que ela certamente está a merecer estudo mais aprofundado.

⁸ Foneticamente, [‘mã’].

⁹ Foneticamente, [‘mẽ’].

A expressão de Tempo Verbal na língua Kaingang e os usos de adjuntos adverbiais que localizam eventos no tempo, representando-os numa relação cronológica estabelecida com o Momento da Fala (MF)¹⁰, que pode ser de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade serão tratados neste item.

Tempo em Kaingang pode ser expresso por alguns poucos verbos que possuem uma forma própria para passado¹¹ ou uma forma própria para futuro¹². Porém, em termos de tempo passado, parece ser mais usual a utilização de meios lexicais (adjuntos) para expressá-lo, permitindo distinguir um passado “recente” (com a utilização, por exemplo, de *rākétá*, ‘ontem’, ou *ã há*, ‘recente’) e um passado “remoto” ou “antigo” (por exemplo, com o uso de *vásy*, ‘antigamente’):

(4) *Inh panh ta rākétá jun.*
 1p pai ms ontem v. chegar
 ‘Meu pai chegou ontem.’

(5) *Ti serviço kân ta ã há.*
 3p serviço v.acabar (3p)+ms recente
 ‘Ele terminou o serviço dele recente.’

¹⁰ Com muita frequência o trabalho de Hans Reichenbach, exposto em seu livro *Elements of Symbolic Logic* (1947), é tomado como ponto de partida para os estudos e sistematizações da referência temporal. O autor sugeriu, para o Inglês (mas pressupondo que poderia ser extensivo a outras línguas), um modelo para estruturação dos Tempos Verbais. Em seu trabalho, Reichenbach parte do entendimento de que os Tempos verbais determinam o tempo em relação ao momento do ato de fala de um enunciado e a um terceiro momento conhecido como Momento de Referência. Dessa forma distingue: i) o momento da fala (MF); ii) o momento do evento (ME) – aquele momento (ou instante, intervalo) no qual se desenrola (desenrolou ou desenrolará) o evento em questão localizado a partir do MF; iii) o momento de referência (MR), aquele através do qual o falante transmite ao ouvinte a sua perspectiva temporal. Essas representações sugeridas por Reichenbach são as usadas nesse trabalho.

¹¹ Por exemplo, verbo *vyr* que é o passado do verbo *ĩ* (‘ir’).

¹² Como em (A) *ve* = verbo ‘ver’, mas *vej*= ‘vai ver’ (futuro) exemplificado em (B): (B) *Sa ã to há nĩ ra isa ã vėj kãĩg ge jėj mẽ.*
 1p 2p gostar ASP marcador de modo (1p)+ms 2p v. ver (futuro) v.vir sempre muito
 ‘Se eu gostasse de você, viria ver (visitaria) você sempre.’

- (6) *Vāsý inh sóg jěšĩ kar jyjy kĩgra nĩg nĩ vě*
 antigamente 1p ms passarinho todos nomes v.conhecer ASPr (modo)
hāra ũri inh pi kĩgra nĩ ha.
 mas hoje 1p ms v. conhecer ASP agora

‘Antigamente eu sabia o nome de muitos passarinhos, mas agora esqueci (hoje não conheço mais)’.

Adjuntos adverbiais também localizam eventos temporais em relação cronológica de posterioridade ao momento da fala, localizando o evento no tempo futuro:

- (7) *Vajkỹ inh rěgró krān rāj.*
 amanhã 1p feijão v. plantar v.entrar,começar
 ‘Amanhã eu vou plantar meu feijão’.

Há ainda uma indicação gramatical de futuro com *jé*, *kej* e *ke*¹³:

- (8) *Sa vajkỹ inh rāgró krān jé.*
 (1p)+ms amanhã 1p feijão v.plantar marca de futuro (?)
 ‘Eu vou plantar meu feijão amanhã.’
- (9) *Vajkỹ inh mỹnh fi ta krě věne kej tĩg.*
 amanhã 1p mãe fem ms balaio v.vender marca de futuro(?) v. andar
 ‘Amanhã minha mãe vai vender o artesanato (o balaio).’
- (10) *Furũn kātāj inh ta ta kutěj ke nỹn kỹ.*
 apurado v.sair 1p chuva ms v.cair marca de futuro(?) ASP por causa de
 ‘Eu saí apressado porque iria chover.’

Entretanto, parece que a categoria gramatical de Tempo, na língua Kaingang, ocupa-se prioritariamente de indicar “anterioridade” ou “posterioridade” em relação ao Momento de Referência, como se pode observar, por exemplo, na utilização dos adjuntos *hur* e *ha*, traduzidos no Português como ‘agora’, mas que se empregam diferentemente em relação ao Momento de Referência, que pode ou não coincidir com o Momento da Fala. Em (11) encontra-se a forma *hur*, ‘agora - pass.’, usada quando se indica um momento passado:

¹³ Não disponho, neste momento, de dados que forneçam outras informações sobre o uso desses diferentes marcadores de Futuro.

- (11) *Inh panh ta jun bur.*
 1p pai ms v. chegar agora - pass.
 ‘Meu pai chegou agora’

Aqui o ‘agora’ não se relaciona com o Momento da Fala, mas com o Momento do Evento (ME): “ele chegou ‘naquele momento’”. O ‘agora’ refere-se ao evento de ‘chegar’, ainda que entre este último e a enunciação do ocorrido possa ter se passado um tempo bastante fugaz: ele pode ter chegado, por exemplo, um minuto antes do momento em que o falante relata esse fato. Em um enunciado como em (12), diferentemente, o advérbio de tempo *ha*, ‘agora’, ocorre com o tempo presente, coincidindo o Momento do Evento com o Momento da Fala:

- (12) *Ta ta kātīg ha.*
 chuva ms v. vir agora
 ‘A chuva está vindo agora’.

Encontrei, também, a ocorrência de *ha*, ‘agora’, com um tempo passado, mas fazendo referência ao Momento da Fala, como em:

- (13)
Sa jěsĩ jyjy ki kanbró nĩ hāra ja ki kagtīg ha.
 (1p)+ms passarinho nome em v. conhecer ASP mas ASP em não saber agora
 ‘Eu conhecia o nome de (muitos) passarinhos, mas agora já esqueci’

Ou seja, ‘neste momento’ é o MF, ‘eu não lembro mais, eu esqueci’.

A EXPRESSÃO DE MODO NA LÍNGUA KAINGANG

Ilari e Basso (2005), tratando do Português, consideram três domínios na área semântico-pragmática onde atua o Modo Verbal:

- a) quando nos damos conta da possibilidade de passar do mundo real para um ou mais mundos possíveis, por hipótese, diferentes dele;
- b) quando marcamos diferentes graus de adesão à verdade de um conteúdo proposicional;
- c) quando consideramos as ações que realizamos lingüisticamente sobre um conteúdo proposicional.”

Sob essa perspectiva ampla de ‘Modo’, que considera operações lingüísticas que se fazem sobre conteúdos proposicionais com conseqüências interpessoais, apresento, nesta seção, considerações sobre a expressão modal na língua Kaingang.

Pode-se considerar, de uma maneira geral, que a expressão Modal em Kaingang evidencia o grau de “verdade”, certeza ou fidedignidade que o falante empresta ao enunciado. Nessa língua, a expressão de Modo pode ser dada pela utilização de Marcadores, tais como:

1. *ra*¹⁴, em construções condicionais ou hipotéticas:

(14)

Kófa fi ta kaga nĩn ra fi pi tĩg tĩ.
 velho fem ms doente ASP marcador de modo 3pf ms v. andar ASP
 ‘Se a velha estivesse doente ela não andava /não andaria’.

Nesse enunciado, a ‘verdade’ de um conteúdo proposicional é a garantia da ‘verdade’ do outro – ‘se ela estivesse doente’, então ‘ela não andaria’, ainda que a referência se faça hipoteticamente.

Outro exemplo:

(15) *Sa kakó kã nĩn ra*
 1p perto em ASP marcador de modo
sa ã to pasa ké kej mẽ.
 (1p)+ms 2p para v. passear v.fazer marca de futuro muito
 ‘Se eu morasse aqui perto, eu visitaria muito você’.

2. *pẽ*, que atribui ao enunciado um caráter de crença ou certeza.

A possibilidade de levar em conta mundos possíveis diferentes do real, leva-nos a reconhecer que há modalidades de vários tipos. Dentre elas, temos a modalidade epistêmica, que qualifica os enunciados atribuindo-lhes um caráter de crença ou certeza. Em Kaingang, esse posicionamento do falante pode ser verificado em enunciados como o que se encontra a seguir:

¹⁴ Essa conjunção, que cumpre a função de Modo, não se confunde com a conjunção *ra* transposta para o Português como ‘quando’ ou ‘mas’. Também não se confunde com *ra*, posição com sentido de ‘para’, ‘em direção a’ (Para exemplos em Kaingang, consulte-se o texto original da minha dissertação.).

- (16) *Inh vo ta Ligeiro tá ke pẽ nĩ.*
 1p avô (3p)+ms Ligeiro lá v. fazer/dizer marcador de modo ASP
 ‘Meu avô é lá de Ligeiro.’

Nesse enunciado, o uso do operador modal *pẽ* (que poderia ser transposto para o Português como ‘legítimo, verdadeiro, de fato’) revela a posição do falante em garantir que sua fala é “autêntica”. Dizer que seu avô é “verdadeiramente” de Ligeiro é responder pela verdade do fato: seu avô nasceu (lá) em Ligeiro, ele é de fato daquele lugar, estabelecendo um sistema de referência “real” compartilhado com o interlocutor, no caso esta pesquisadora, como entrevistadora. Ele considera esse estado “real” diante de alternativas estabelecidas e compartilhado comigo enquanto ouvinte.

3. ‘*hẽnyĩ*’ e ‘*vẽnhver*’, em que o ato de fala é apresentado como objeto de opinião.

Há enunciados em que a opinião do falante toma a forma de uma avaliação sobre o grau de certeza da proposição, exatamente através de operadores modais:

- (17) *Inh titio ta kanẽ pir nĩ*
 1p tio ms olho um, sozinho ASP
kanẽ kaga hẽnyĩ tó.
 olho doença marcador de modo v.dizer
 ‘Acho que é por causa da (pela) doença que ele só tem um olho.’

Observa-se que o falante utiliza *hẽnyĩ* que significa ‘achar que’. A informação é dada com o uso de uma estratégia em que o ato de fala é apresentado não como objeto do conhecimento, mas sim de opinião.

Da mesma forma, quando solicitada a tradução para a sentença em Português, ‘O menino está dormindo desde cedo.’, um falante, estabelecendo uma relação compartilhada comigo (a interlocutora), faz a seguinte consideração:

- (18) *Kaga hẽnyĩ nĩ.*
 doente ‘achar que’ ASP
 ‘Acho que (ele) está doente!’

Esse ‘achar’, que parece ter o sentido de opinião expressa sobre a proposição, pode também revelar algo duvidoso, com pouca certeza: ‘Talvez (ele) esteja doente! / Tenho a impressão que (ele) esteja doente! / Provavelmente (não no sentido de concordância, mas de dúvida) (ele) esteja doente!’

4. *na*, de caráter enfático, confirmativo¹⁵, traduzida pelos falantes como algo do tipo: ‘(é, está, é isso, mais) mesmo!’:

- (19) *Inh pi jěsĩ kar kĩgrã nĩ ha.*
 1p ms passarinho todos v. conhecer ASP agora
Periquito há kĩgrã inh nĩ na.
 periquito bem v. conhecer 1p ASP marcador de modo
 ‘Agora eu não conheço todos os passarinhos (não sei o nome de todos). Periquito eu conheço bem’.

Em (19), enuncia-se que a pessoa não conhece todos os nomes dos passarinhos, mas periquitos, ‘esses’ ela conhece (mesmo!), sabe seus nomes, conhece-os muito bem!

5. *vě*, partícula cujo uso não está completamente esclarecido, pois as traduções levam a crer que da participação de *vě* resultam sentidos diferentes, a depender da estrutura do período em que

¹⁵ O professor Valmir Cipriano, Kaingang de Inhacorá (RS), afirma que, nas sentenças nas quais há o uso da partícula *na*, ocorre esse sentido de confirmação (algo como um enfático). Informa que também se pode utilizar *mỹ* com essa mesma acepção. Assim, por exemplo:

- (a) *Ůri nã ta rỹjgy tavĩ na.*
 hoje sol ms muito quente bastante, muito marcador de modo
 ‘Hoje o sol está muito quente’.

pode, segundo esse professor kaingang, ter outra equivalente com o mesmo sentido de confirmação como mostrado em (b):

- (b) *Ůri nã ta rỹjgy tavĩ mỹ.*
 hoje sol ms muito quente bastante, muito marcador de modo
 ‘Hoje o sol está muito quente’.

O que deve estar em jogo, em (a) e (b), com a alternância entre *na* e *mỹ*, é talvez uma expressão da posição pessoal do falante ou uma avaliação sua sobre a abrangência de sua proposição. Talvez *na* se aplique a afirmações categóricas (enfáticas) que deveriam valer tanto para o falante como seus ouvintes, enquanto *mỹ* se aplique na expressão de uma avaliação que o falante entende ser pessoal, mas que talvez outros não compartilhem.

se encontra inserida. Entretanto, as traduções sugerem, em uma primeira análise, que *vẽ* é utilizado como Marcador de Modo¹⁶.

Foram três as circunstâncias em que *vẽ* ocorreu em nossa pesquisa: (a) em orações simples; (b) em períodos compostos, e (c) em orações condicionais. Observe-se a seguir¹⁷:

(20) *Ta ne kutẽm sór nĩ vẽ.*
 chuva ms v. cair v. querer ASP (modo)
 ‘A chuva está querendo cair.’

(Construção fornecida para “O tempo está virando para chuva.”)

(21) *Sa kãgũnh mág mÿr vẽ hãra inh pi kron mũ.*
 (1p)+ms erva v. comprar assim (modo) mas 1p ms v.beber ASP
 ‘Eu comprei erva, mas eu não tomei (chimarrão).’

(22) *Sa ta guarani nĩn ra*
 1p ms guarani ASP marcador de modo
sa guarani ag mré nĩj mũ vẽ.
 1p guarani 3ppl junto ASP ASP (modo)
 ‘Se eu fosse guarani, eu ficaria junto com eles.’

UMA POSSIBILIDADE E UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO DOS DADOS PARA OS MARCADORES DE ASPECTO

É importante destacar que a origem diversa dos registros (de falantes de diferentes aldeias e faixas etárias) e o problema da contextualização necessária a esse tipo de investigação (multiplicado pelo número de falantes e lugares) levaram à reunião de amostras, às vezes, bem distintas para o que se esperava ser um ‘mesmo’ enunciado, sem que fossem, necessariamente, divergentes. Tal multiplicidade de resultados acrescenta dificuldades à interpretação e construção de hipóteses e, assim, não descarto a possibilidade de que, além das funções apontadas, funções co-ocorrentes possam ser desempenhadas nos exemplos (ou em al-

¹⁶ Em minha pesquisa de Doutorado (em andamento no IEL/Unicamp) sobre o tema ‘Tempo, Aspecto e Modo em contextos discursivos na língua Kaingang’, essa é uma das questões que está sob análise com outra metodologia de recolha de dados, o que pode ajudar a esclarecer o real uso dessa partícula.

¹⁷ Por questões de espaço não discutirei os exemplos citados, já que me estenderia além do possível. Tal discussão pode ser encontrada no texto original da minha tese de Mestrado.

guns dos exemplos) coletados. Entretanto, olhando apenas para a expressão de Aspecto, pode-se dizer que a língua Kaingang faz distinção aspectual entre Perfectividade e Imperfectividade.

Os marcadores de Aspecto encontrados e que apontam perspectivas Perfectivas (considerando-se Perfectividade enquanto apresentação do evento com a consideração de seu ponto final ou a perspectiva de sua conclusão), foram:

1. *mũ*, que, enquanto verbo nuclear pode ser traduzido no Português como ‘ir’ (plural), mas que também assume uma função aspectual assim como outros marcadores que, a partir do verbo que são, parecem ser dessemantizados ou ter seu conteúdo semântico reduzido a um conceito abstrato para cumprir aquela função. Mesmo que possa ocorrer em construções que expressem posterioridade ao Momento da Fala, a perspectiva na qual o final do evento é vislumbrado é o que responde pelo seu caráter Perfectivo. Seguem-se exemplos:

(23) *Inh ve fi ta kre tag han mũ.*
 1p irmã fem ms balaio este v.fazer ASP
 ‘Minha irmã fez este balaio.’

(24) *Inh panh ãn vỹ kutẽ mũ, kãka tỹ.*
 1p pai casa ms v. cair ASP vento com
 ‘A casa do meu pai caiu com o vento.’

(25) *Vajkỹ sóg inh rágró krãn mũ.*
 amanhã (1p)+ms 1p feijão v. plantar ASP
 ‘Amanhã vou plantar meu feijão.’

(26) *Sa ěpỹ to jun ã ra ne krãn kãn mũ.*
 (1p)+ms roça para v.chegar ASP quando (3p)+ms v. plantar
 v. terminar ASP
 ‘Quando eu estava chegando na roça, ele terminou de plantar’.

2. *ja*, que faz referência a algo já acontecido, que se encerrou em um momento anterior ao Momento de Referência. Devido a algumas particularidades em termos de escopo desse marcador, em um primeiro momento, havia a dúvida se essa partícula marcava Aspecto ou Tempo. Pensou-se em Tempo, porque *ja* ocorria,

em uma primeira verificação nos dados, apenas em traduções de sentenças no passado. Entretanto, obtive exemplificações, como em (28), nas quais observei que, apesar de o verbo já apresentar uma forma própria de tempo passado e de haver a presença de um adjunto adverbial explicitando o tempo, havia também presença de *ja*, indicando, portanto, tratar-se de um marcador de aspecto, que não podia ser confundido com um marcador de tempo passado que já era explicitado na oração por outros recursos:

- (27) *Rākétá ta vyr ja nỹ.*
 ontem (3p)+ms v.ir (pass.) ASP ASP
 ‘Ele (já) foi ontem.’

Outros enunciados obtidos em momento posterior à coleta comprovam que também é possível o uso de *ja* em construções que indiquem posterioridade ao Momento da Fala, ou seja, em Tempo Futuro, indicando o evento já concluso naquele momento futuro:

- (28) *Isỹ ijakré koje ke ja nĩn kỹ, isỹ Paraná ra tĩg mũ.*
 (1p)+ms planta ‘v. colher’ mf ASP ASP então (1p)+ms Paraná
 para v.ir ASP
 ‘Quando eu tiver colhido minha planta, vou viajar para o Paraná.’

De qualquer forma, há necessidade de outros contextos para identificar o seu real uso, já que há informações (posteriores) de professores Kaingang, apontando que *ja* é utilizado quando se faz referência a fatos acontecidos que o falante não viu, não atestou pessoalmente, mas soube por alguém. Ainda há outra informação, no momento ainda também sem outras considerações mais definitivas, de que, com a utilização de *ja*, há menos certeza do “resultado” do que com a utilização de *mũ*. Nesses casos, *ja* poderia assumir outras funções e não ser necessariamente um marcador aspectual.

3. ma, pela sua condição especial de ocorrência, utilizado principalmente em construções em que o Momento de Referência é posterior ao Momento da Fala (um tempo futuro, portanto), pensou-se, inicialmente, que poderia ser um marcador temporal, mas encontram-se exemplos em que co-ocorrem marca de Tempo

Futuro e *ma*. Sua freqüência nos registros é relativamente baixa. Nas construções em que aparece, o vislumbre do ponto final é o que responde pelo seu caráter Perfectivo. A seguir, um exemplo:

- (29) *kysã kãtĩ ãn kã ta kuitẽ mág ma.*
 mês v.vir naquele dentro chuva v. cair bastante ASP
 ‘O mês que vem vai cair bastante chuva.’

Informação fornecida por professores Kaingang do RS, em momento posterior à coleta de dados, sugere que *ma* dá um “sentido de não certeza do resultado”. Tal informação, que indica uma interpretação de *ma* também como expressão de Modo, poderia ser um diferencial em relação a seu uso em lugar de outro marcador, como por exemplo, *mũ*. Esta é outra questão que merece ser investigada a fundo.

Em perspectivas Imperfectivas há a utilização do marcador aspectual *tĩ*. Esta partícula (derivada do verbo ‘ir’, singular), na função de marcador aspectual, parece estar ligada, principalmente, à representação de habitualidade, entendida aqui como a ocorrência repetida de um evento durante um certo período de tempo, sendo que essa repetição é tomada como uma característica inerente desse período e, portanto, não se confundindo com iteratividade. Dois exemplos:

- (30) *Kyrũ vỹ prỹg kar mĩ ti panh mỹ ěpã han tĩ.*
 rapaz ms ano todo ‘em’¹⁸ 3p pai para roça v.fazer ASP
 ‘O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos.’

- (31) *Kanhgág kófa ag ta āprã nĩgnĩg tĩ.*
 índio velho 3ppl ms chão v. sentar ASP
 ‘Os índios velhos gostavam de sentar no chão.’

Há ainda um conjunto de marcadores aspectuais que parecem não evidenciar prioritariamente as perspectivas de ‘Perfectividade’ ou ‘Imperfectividade’, pois ocorrem em ambas as construções. Nesse conjunto de marcadores temos: i) *nĩ*; ii) *jẽ*; iii) *nỹ*.

¹⁸ *mĩ* indica uma situação ‘interior a algo’, mas em movimento; numa referência temporal, indica ‘ao longo de determinado tempo’.

Nỹ é utilizado para eventos durativos, estativos, não-permanentes e em eventos não-durativos transformativos. No caso de eventos durativos, chamo a atenção para o fato da possibilidade, indicada no marcador de Aspecto *nỹ*, de esses estados poderem ser mudados de alguma forma, ainda que tenham certa duração:

- (32) *Inh mén vỹ kyjo nĩ.*
 1p marido ms magro ASP
 ‘Meu marido é magro.’

Jẽ e *Nỹ* também ocorrem em situações passíveis de mudança:

- (33) *Inh ve ěgno fi ta mén tũ jẽ.*
 1p irmã caçula fem ms marido sem ASP
 ‘Minha irmã mais nova é solteira.’

- (34) *Ragro tag vỹ jājgy nỹ.*
 faca esta ms afiada ASP
 ‘Esta faca está afiada.’

Esse conjunto de marcadores parece, pois, evidenciar uma propriedade acional dos predicados. Provavelmente há graus ou níveis para se expressar esses estados durativos mas não-permanentes ou, em outras palavras, mais ou menos passíveis de mudança. Reafirmo que outros estudos contextuais poderão levar a esclarecimentos mais conclusivos em relação a seu uso na língua Kaingang.

OS MARCADORES POSICIONAIS

Há, na língua Kaingang, algumas partículas derivadas de verbos que indicam a posição física daquilo a que se referem (humano ou não-humano, e que pode ser o Sujeito ou o Objeto da oração). As mesmas partículas parecem operar em um sentido quase metafórico (ou por uma redução de seu conteúdo semântico a um conceito abstrato). Refiro-me a essa função como ‘Marcador Posicional’ (MP), tendo identificado quatro partículas:

- i) *nĩ* (*nĩn*, *nĩg*)¹⁹, derivada do verbo ‘sentar’;

¹⁹ Para as formas colocadas entre parênteses é possível avaliarmos algumas possibilidades: (a) pode se tratar de reduplicação, realizada na fala corrente não muito explicitamente; (b) pode ser uma variante dialetal ou (c) pode ser uma distinção ‘muito fina’,

- ii) *nỹ* (*nỹn*), derivada do verbo ‘deitar’;
- iii) *jẽ* (*jẽn*), derivada do verbo ‘estar em pé’, e
- iv) *sa* (*saj*), derivada do verbo ‘pendurar’.

Em termos formais, o posicionamento dessas partículas é no final da sentença, pospostas ao verbo (mas não necessariamente ao lado dele, pois, entre o verbo e a partícula, pode ocorrer um sujeito pronominal, por exemplo), acompanhadas ou não de outros marcadores aspectuais ou modais. Seguem-se alguns exemplos:

- (35) *Kaga fi nenê ta fi nĩgnó kri nỹn.*
doente 3pf nenê ms 3pf braços em cima MP
‘O nenê dela está doente (deitado) nos braços dela.’
- (36) *Tátá fi vỹ gār tynyn jẽ.*
moça fem ms milho v. socar MP
‘A moça está socando o milho (em pé).’
- (37) *Kysẽ ta tũ sa.*
lua ms sem MP
‘Não tem lua (‘pendurada’).’

Eles não parecem obrigatórios, já que, para mesmas sentenças propostas, encontraram-se diferentes formulações, com ou sem marcação posicional. Em algumas situações, quando a frase proposta incluía uma informação sobre a posição física explícita lexicalmente, o falante pôde apresentar essa informação em forma de categorias gramaticais ou por recursos lexicais:

- (38) *Kófá ag vā ka krām jágjág ka nỹtĩ.*
velho 3ppl ms árvore embaixo ‘estar em pé’ árvore ASP
‘Os velhos estão em pé embaixo da árvore.’

Observa-se neste exemplo que a informação da ‘posição’ dos sujeitos (em termos físicos) está dada no verbo e que o uso do marcador aspectual *nỹtĩ* não indica isso. Note-se que, portanto, a informação de uma ‘posição física’ não está necessariamente no

muito particular, que não conseguimos perceber ainda. Uma analogia, talvez, pudesse ser feita em relação a *saj*. Da mesma forma como há uma marca morfológica para os verbos que indicam Futuro, essa forma também não estaria indicando posterioridade ao Momento da Fala, ou seja, um futuro?

marcador em diferentes momentos, ou seja, ela pode estar em outros lugares.

A REDUPLICAÇÃO DOS MARCADORES DE ASPECTO

Além da reduplicação do verbo, observei a reduplicação de marcadores aspectuais (ASPr = Marcador de Aspecto ‘reduplicado’). Uma hipótese é que este recurso demonstra que a permanência na situação (ainda que esta seja passível de mudança) se prolonga por um certo período de tempo:

- (39) *Gĩr vỹ ka krĩ nĩ nĩ.*
 criança ms árvore em cima ASPr
 ‘A criança está em cima da árvore.’

A ocorrência da reduplicação do marcador aspectual indica que a permanência naquela situação, ‘estar em cima da árvore’, é mais longa, como se disséssemos: ‘a criança está em cima da árvore “um tempão”’.

Também é interessante observar que há ocorrência de construção em que se reduplica tanto o verbo (e, portanto, a multiplicidade da ação está sendo colocada) quanto o marcador aspectual (evidenciando maior duração do evento). Veja-se:

- (40) *Kaingang fi vỹ fi vãfy hyn-ban nĩ nĩ.*
 índia fem ms 3p artesanato v. fazer ASPr
 ‘A índia está fazendo balaios (artesanato).’

Logo, ‘*hyn-ban*’ indica a multiplicidade dos gestos ou resultados (fez vários artesanatos) e a reduplicação do Aspecto indica a duração ou permanência do sujeito por tempo longo nesta atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa primeira aproximação, apesar das limitações já indicadas, permite concluir que a língua Kaingang possui as categorias sintaticamente expressas de Tempo, Aspecto, Modo e, possivelmente, de Acionalidade. Entretanto, não está claro ainda, a interação entre as classes aspectuais e acionais expressas pelo uso dos marcadores.

Ocorrem também interações de marcadores de Aspecto e (ou) Modo nas construções no Kaingang que considero como ‘composições’ ou ‘combinações’ de marcadores. Essas composições sugerem e possibilitam observar um certo ‘escopo’ local dos marcadores que se evidenciam nessas combinações, embora este escopo possa se referir a uma sentença inteira. As combinações podem co-ocorrer em posições consecutivas (seqüencialmente) ou em diferentes posições na mesma sentença.

Apesar dos resultados de minha pesquisa apontarem a ocorrência de construções muito interessantes em Kaingang, reafirmo a necessidade de serem pesquisados outros contextos discursivos para melhor evidenciar e explicar o uso de partículas gramaticais que indicam Aspecto, Tempo, Modo e possivelmente Acionalidade nessa língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTINETTO, P. M. e DELFITTO, D. (2000). Aspect vs. Actionality: Why they should be kept apart. In Ö. Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, p.189-225.
- CASTILHO, A. T. de (2002) Aspecto verbal no português falado. In M. B. Abaurre & A. C. S Rodrigues (orgs.), *Gramática do Português Falado. Volume III: Novos estudos descritivos*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, p.83-121.
- COMRIE, B. (1976). *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge,UK: Cambridge University Press.
- CHUNG, S. & TIMBERLAKE, A. (1985). Tense, aspect, and mood. In T. Shopen (Ed.), *Language typology and syntactic description*. Cambridge,UK: Cambridge University Press, p. 202-258.
- DAHL, Ö. (1985). *Tense and aspect systems*. Oxford: Blackwell.
- GIVÓN, T. (1984). *Syntax. A functional-typological introduction – Vol. I*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- GONÇALVES, S. A. (2007) *Aspecto no Kaingang*. Campinas, SP: IEL-UNI-

CAMP. Dissertação de Mestrado, 219 p.

- GUÉRIOS, R. F. M. (1942) Estudos sobre a língua caingangue. Notas histórico-comparativas (dialeto de Palmas - dialeto de Tibagi) - Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, II, p. 97-177.
- ILARI, R. & BASSO, R. M. (2005). Verbo. Capítulo a ser publicado no vol. II do *Projeto da Gramática do Português Falado*. Inédito (no prelo).
- LYONS, J. (1979). *Introdução à Lingüística Teórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- REICHENBACH, H. (1947). *Elements of Symbolic Logic*. Londres: MacMillan.
- RODRIGUES, A. D. I. (1999). Macro-Jê. In R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.), *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 164-206.
- WIESEMANN, U. (1971). *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL). Reeditado em 1981.
- _____. (2002) *Dicionário Kaingáng-Português, Dicionário Bilingüe*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. p. 156-157.